

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário de Pernambuco Class.: 43

Data: 22/09/89 Pg.: _____

Índio luta para preservar cultura indígena no Estado

Preocupado com a desvalorização da cultura indígena brasileira e com a maneira incorreta de colonização, Aluisio Caetano de Sá, índio fulniô de Aguas Belas, luta para preservar a língua de seu povo, o Yathe, com a publicação de um dicionário com mais de quatro mil verbetes.

Há dez anos trabalhando no estudo do Yathe, falada apenas em sua tribo, pois as outras seis do Estado perderam o domínio do seu idioma nas últimas décadas, ele diz que o dicionário está quase concluído, faltando apenas a transcrição fonética, que já está sendo feita com a colaboração da professora da Universidade Federal de Pernambuco Adair Palácio. Ele acredita que até o começo do próximo ano, o dicionário esteja pronto. "É muito triste ver a língua do meu povo sendo esquecida, por isso quero fazer de tudo para preservá-la", assinalou.

Aluisio, que há quase dez anos mantém seu salão de beleza no prédio do AIP, apesar de afastado da tribo, ainda conta com emoção a história do povo guerreiro que habita o sertão pernambucano, e que ao longo dos dois últimos séculos vem desaparecendo em decorrência de guerras internas, que destruíram as outras três tribos de Aguas Belas,

e pelo avanço da civilização branca nas terras indígenas. Explicou que seu povo sofreu muito com a colonização feita de maneira incorreta pelo homem branco, que levou roupas para o índio, mas não ensinou a lavá-las, levou doces, chicletes e esqueceu de ensiná-lo a usar a pasta e a escova de dentes. "Sou a favor da colonização, porque não se pode estacionar o progresso, mas é preciso que seja feita de uma maneira mais humana", ressaltou. Segundo ele, esta colonização colocou o índio em contato com epidemias e com o álcool, que hoje levam muitos à morte, vítimas do alcoolismo.

Acreditando, contudo, que ainda há tempo de salvar o índio brasileiro, ele prefere falar das tradições de sua gente, do que discutir os problemas que enfrentam. Os fulniôs considerados índios isolados, por não pertencerem a nenhum dos grupos classificados historicamente, são por tradição um povo guerreiro, que sobrevive da caça, pesca e do artesanato confeccionado em palha de oricuri, palmeira da região. Como poucas tribos no País, os fulniôs conseguiram criar a instituição do Aricuri, ou seja, a volta à taba, ou aldeia indígena. Todos os anos nos meses de setembro e dezembro, os quatro mil índios voltam à taba original, onde vivem intensamente

os costumes e hábitos de seus antepassados. "É uma época muito bonita e significativa para todos os fulniôs", assinalou. Sem saber ao certo a quantos anos é mantida esta tradição anual, Aluisio ressaltou que é neste período que os jovens conhecem e aprendem a valorizar as tradições da tribo, e é quando mais se fala o Yathe. Durante o resto do ano, os índios vivem em uma pequena aldeia como "homens brancos".

Aluisio, que visita a tribo anualmente, disse, ainda, que nela existe a preocupação com o ensino tanto do português como do Yathe, principalmente para as crianças, que como passam mais tempo em contato com o vernáculo português terminam esquecendo o Yathe que aprenderam com os pais. Com o auxílio de uma índia, que elaborou uma pequena cartilha as outras professoras ensinam o Yathe. "Agora, com o dicionário, vai ficar muito mais fácil aprender nosso idioma", disse. Embora a língua dos fulniôs seja considerada pelos filólogos como pertencente ao grupo GE, Aluisio afirma que o Yathe é uma língua única e por isso deve ser preservada. "Se o Yathe desaparecer, o País sofrerá um prejuízo imensurável, a nível de pesquisa científica sobre o índio brasileiro".